Lição 10: Opiniões dos antigos sobre a contrariedade dos primeiros princípios

Bekker: 188 a 19-189 a 10

> AS OPINIÕES DOS ANTIGOS SOBRE A CONTRARIEDADE DOS PRIMEIROS PRINCÍPIOS

75. Tendo exposto as opiniões dos antigos filósofos sobre os princípios da natureza, Aristóteles aqui começa a buscar a verdade.

Ele a busca primeiro por meio da disputação, partindo de opiniões prováveis. Em segundo lugar, onde diz: 'Agora daremos...' (189 b 30; L12 #98), ele determina a verdade de modo demonstrativo. A tradução inglesa de Oxford parece basear-se nesta leitura variante. Aula 12, 98.

Quanto à primeira parte, ele faz dois pontos. Primeiro, investiga a contrariedade dos princípios; segundo, onde diz: 'A próxima questão é...' (189 a 11; L11 #82), ele indaga sobre seu número.

Quanto à primeira parte, ele faz três pontos. Primeiro, expõe a opinião dos antigos sobre a contrariedade dos princípios. Segundo, onde diz: 'E com boa razão...' (188 a 27 #77), ele apresenta um argumento a favor dessa posição. Terceiro, mostra como os filósofos se relacionam entre si ao dizer que os princípios são contrários. Ele faz isso onde diz: 'Até este ponto...' (188 b 27 #79).

76. Ele diz, portanto, primeiro que todos os antigos filósofos postularam a contrariedade nos princípios. E ele torna isso claro citando três opiniões dos filósofos.

Pois alguns filósofos disseram que todo o universo é um ser imóvel. Destes, Parmênides disse que todas as coisas são uma segundo a razão, mas muitas segundo os sentidos. E na medida em que são muitas, ele postulou nelas princípios contrários, por exemplo, o quente e o frio. Ele atribuiu o quente ao fogo e o frio à terra.

Em segundo lugar, havia a opinião dos filósofos da natureza que postularam um princípio material e móvel. Eles disseram que outras coisas surgem a partir deste princípio segundo a rarefação e a densidade. Assim, sustentaram que o raro e o denso são princípios.

Uma terceira opinião foi avançada por aqueles que postularam muitos princípios. Entre eles, Demócrito sustentou que todas as coisas surgem de corpos indivisíveis que se unem. E neste contato uns com os outros, eles deixam uma espécie de vazio. A tais vazios ele chamou de poros, como fica claro em *Da Geração*, I:8. Portanto, ele sustentou que todos os corpos são compostos do fixo e do vazio, isto é, compostos do pleno e do vazio. Daí ele disse que o pleno e o vazio são princípios da natureza. Mas ele associou o pleno ao ser e o vazio ao não-ser. E embora todos esses corpos indivisíveis sejam unos em natureza, ele disse que coisas diferentes são compostas deles segundo uma diversidade de figura, posição e ordem. Assim, sustentou que os princípios são contrários no gênero de posição, i.e., acima e abaixo, diante e detrás, e também contrários no gênero de figura, i.e., o reto, o angular e o circular. Os princípios também são contrários no gênero de ordem, i.e., anterior e posterior. (Estes últimos contrários não são mencionados no texto porque são óbvios.) E assim Aristóteles conclui, por uma espécie de indução, que todos os filósofos sustentaram que os princípios são contrários de alguma forma. Ele não menciona a opinião de Anaxágoras e Empédocles porque já explicou sua posição extensamente acima [L8 #56-57]. No entanto, eles também colocaram uma certa contrariedade nos princípios quando disseram que todas as coisas surgem por união e separação, que concordam em gênero com o raro e o denso.

77. Em seguida, onde ele diz: 'E com boa razão' (188 a 27), apresenta um argumento provável para mostrar que os primeiros princípios são contrários. O argumento é o seguinte.

Três coisas parecem pertencer à própria natureza dos princípios. Primeiro, eles não são de outras coisas. Segundo, eles não são uns dos outros. Terceiro, todas as outras coisas são deles. Mas estas três notas são encontradas nos contrários primários. Portanto, os contrários primários são princípios.

Agora, para entender o que ele quer dizer quando fala de contrários primários, devemos perceber que alguns contrários são causados por outros contrários, por exemplo, o doce e o amargo são causados pelo úmido e pelo seco e pelo quente e pelo frio. Como, no entanto, é impossível prosseguir ao infinito, mas é preciso chegar a certos contrários que não são causados por outros contrários, ele chama estes últimos contrários de contrários primários.

Agora, as três condições próprias aos princípios mencionadas acima são encontradas nestes contrários primários. Pois as coisas que são primeiras manifestamente não são de outras. Além disso, coisas que são contrárias manifestamente não são umas das outras. Pois mesmo que o frio venha a ser do quente, na medida em que aquilo que era anteriormente quente é posteriormente frio, no entanto, a própria frieza nunca vem a ser do calor, como será apontado mais adiante [L11 #90]. O terceiro ponto — precisamente como todas as coisas vêm a ser dos contrários — devemos investigar mais cuidadosamente.

78. Agora, para esclarecer este último ponto, ele afirma primeiro que nem a ação nem a paixão podem ocorrer entre coisas que são contingentes no sentido de meramente coincidirem, ou entre coisas que são contingentes no sentido de serem indeterminadas. Nem tudo vem a ser a partir de

tudo, como disse Anaxágoras, exceto talvez por acidente.

Isso é visto primeiramente de forma clara nas coisas simples. Pois o branco não vem a ser a partir do musical, exceto por acidente, na medida em que o branco ou o preto coincidem de estar no musical. Mas o branco vem a ser *per se* a partir do não-branco, e não de qualquer não-branco, mas daquele não-branco que é preto ou alguma cor intermediária. E da mesma forma, o musical vem a ser a partir do não-musical, e novamente não de qualquer não-musical, mas de seu oposto, que é chamado de não-musical, i.e., daquilo que está disposto a ser musical, mas não é, ou de algum intermediário entre esses dois. E pela mesma razão, uma coisa não é corrompida primária e *per se* em qualquer coisa contingente (e.g., o branco no musical), exceto por acidente. Antes, o branco é corrompido *per se* no não-branco, e não em qualquer não-branco, mas no preto ou em alguma cor intermediária. E ele diz o mesmo da corrupção do musical e de outras coisas similares. A razão para isso é a seguinte. Tudo o que vem a ser ou é corrompido não existe antes de vir a ser e não existe depois de ser corrompido. Donde é necessário que aquilo a partir do qual uma coisa vem a ser *per se* e aquilo no qual uma coisa é corrompida *per se* seja tal que inclua em sua natureza [*ratio*] o não-ser daquilo que vem a ser ou é corrompido.

E ele mostra que o mesmo é verdadeiro para as coisas compostas. Ele diz que a situação é a mesma com as coisas compostas como com as coisas simples, mas é mais oculta nas coisas compostas porque os opostos das coisas compostas não têm nomes, como têm os opostos das coisas simples. Pois o oposto de casa não tem nome, embora demos um nome ao oposto de branco. Portanto, se o composto é reduzido a algo com um nome, ficará claro. Pois todo composto consiste em uma certa harmonia. Ora, o harmonioso vem a ser a partir do inarmônico, e o inarmônico a partir do harmonioso. E da mesma forma, o harmonioso é corrompido no inarmônico (não qualquer inarmônico, mas o oposto). No entanto, podemos falar do harmonioso apenas segundo a ordem, ou segundo a composição. Pois alguns todos consistem em uma harmonia de ordem, e.g., um exército; e outros todos consistem em uma harmonia de composição, e.g., uma casa. E a natureza [*ratio*] de cada um desses é a mesma. Também é claro que todos os compostos vêm a ser a partir do não-composto, por exemplo, uma casa vem a ser a partir de coisas não compostas, e o figurado a partir do não-figurado. E em todas essas coisas, nada está envolvido exceto ordem e composição.

Assim, fica claro por indução, por assim dizer, que tudo o que vem a ser ou é corrompido vem a ser a partir de contrários ou de algum intermediário entre eles, ou é corrompido neles. Além disso, os intermediários entre contrários vêm a ser a partir dos contrários, como as cores intermediárias vêm a ser a partir do preto e do branco. Portanto, ele conclui que tudo o que vem a ser segundo a natureza é ou um contrário, como o branco e o preto, ou vem a ser a partir dos contrários, como os intermediários entre os contrários.

Esta, então, é a conclusão principal que ele pretendia extrair, a saber, que todas as coisas vêm a ser a partir de contrários, o que era a terceira característica dos princípios.

79. Em seguida, onde ele diz: 'Até este ponto...' (188 b 27), Aristóteles mostra como os filósofos se relacionam ao sustentar que os princípios são contrários. Primeiro, ele mostra como eles se relacionam com referência a serem movidos em direção a esta posição. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Eles diferem, no entanto...' (188 b 30 #80), ele mostra como eles se relacionam em

respeito à própria posição.

Ele diz, portanto, como foi apontado acima [#76] que muitos dos filósofos seguiram a verdade até o ponto em que sustentaram que os princípios são contrários. Embora eles de fato sustentassem esta posição, não a sustentavam como se movidos pela razão, mas antes como forçados a ela pela própria verdade. Pois a verdade é o bem do intelecto, para o qual o intelecto é naturalmente ordenado. Portanto, assim como as coisas que carecem de conhecimento são movidas para seus fins sem razão [*ratio*], assim, às vezes, o intelecto do homem, por uma espécie de inclinação natural, tende para a verdade, embora não perceba a razão [*ratio*] para a verdade.

80. Em seguida, onde ele diz: 'Eles diferem, no entanto,...' (188 b 30), ele mostra como os filósofos acima mencionados se relacionam em respeito à própria posição.

Sobre isso, ele faz dois pontos. Primeiro, ele mostra como eles diferem ao sustentar que os princípios são contrários. Em segundo lugar, onde ele diz: 'Portanto, seus princípios...' (188 b 37 #81), ele mostra como eles tanto diferem quanto concordam.

Ele diz, portanto, primeiro que os filósofos que sustentaram que os princípios são contrários diferiam de duas maneiras. Primeiro, aqueles que argumentaram razoavelmente sustentaram que os princípios são os contrários primários. Outros, no entanto, considerando a questão menos bem, sustentaram que os princípios são contrários posteriores [derivados].

E daqueles que apelaram para os contrários primários, alguns consideraram aqueles contrários que eram mais conhecidos pela razão, outros aqueles contrários que eram mais conhecidos pelos sentidos.

Ou poderia ser dito que esta segunda diferença explica a primeira. Pois aquelas coisas que são mais conhecidas pela razão são anteriores simplesmente, enquanto aquelas coisas que são mais conhecidas pelos sentidos são posteriores simplesmente, e

são anteriores relativamente a nós. No entanto, é claro que os princípios devem ser anteriores. Assim, aqueles que julgaram 'anterior' de acordo com o que é mais conhecido pela razão sustentaram que os princípios são aqueles contrários que são anteriores simplesmente. Por outro lado, aqueles que julgaram 'anterior' de acordo com o que é mais conhecido pelos sentidos sustentaram que os princípios são aqueles contrários que são posteriores simplesmente. Portanto, alguns sustentaram que o quente e o frio são os primeiros princípios; outros, o úmido e o seco. E ambos estes são mais conhecidos pelos sentidos. No entanto, o quente e o frio, que são qualidades ativas, são anteriores ao úmido e ao seco, que são qualidades passivas, porque o ativo é naturalmente anterior ao passivo.

Outros, no entanto, sustentaram princípios que são mais conhecidos pela razão.

Entre estes, alguns sustentaram que o igual e o desigual são os princípios. Por exemplo, os pitagóricos, pensando que a substância de todas as coisas são números, sustentaram que todas as coisas são compostas do igual e do desigual como de forma e matéria. Pois eles atribuíram a infinidade e

alteridade ao igual por causa de sua divisibilidade. Ao desigual, atribuíram finitude e identidade por causa de sua indivisibilidade.

Outros, no entanto, sustentaram que a causa da geração e da corrupção é a discórdia e a amizade, ou seja, os ciclos de Empédocles, que também são mais conhecidos pela razão. Donde fica claro que a diversidade mencionada acima aparece nessas posições.

81. Em seguida, onde ele diz: "Por isso, seus princípios..." (188 b 37), mostra como há também uma certa concordância dentro das diferenças das posições mencionadas. Ele conclui do que foi dito acima que os antigos filósofos, de certa forma, chamaram as mesmas coisas de princípios e, de certa forma, chamaram coisas diferentes de princípios. Pois eles diferiam na medida em que diferentes filósofos assumiam contrários diferentes (como foi dito acima #80); no entanto, eles são iguais na medida em que seus princípios eram semelhantes segundo a analogia, ou seja, a proporção. Pois os princípios tomados por qualquer um deles têm a mesma proporção.

E isso é verdadeiro em três aspectos. Primeiro, todos os princípios que eles assumiram estão relacionados como contrários. E assim Aristóteles diz que todos eles tomaram seus princípios das mesmas colunas, ou seja, colunas de contrários. Pois todos tomaram contrários como seus princípios, mesmo que os contrários diferissem. Nem é notável que tenham tomado princípios diferentes das colunas de contrários. Pois entre os contrários, alguns são continentes, como os anteriores e mais comuns; e outros são contidos, como os posteriores e menos comuns. Daí uma maneira pela qual falaram de forma semelhante é que todos eles tomaram seus princípios da ordem dos contrários.

Outra maneira, pela qual concordam segundo a analogia, é a seguinte. Não importa quais princípios tenham aceitado, um desses princípios é melhor, e o outro é pior. Por exemplo, a amizade, ou o pleno, ou o quente, são melhores; mas a discórdia, ou o vazio, ou o frio, são piores. E o mesmo é verdadeiro para os outros pares de contrários. Isso ocorre porque um dos contrários sempre tem a privação unida a ele. Pois a fonte da contrariedade é a oposição entre privação e hábito, como é dito na *Metafísica*, X:4.

Terceiro, eles concordam segundo a analogia pelo fato de que todos tomaram princípios que são mais conhecidos. Mas alguns tomaram princípios mais conhecidos pela razão, outros aqueles mais conhecidos pelo sentido. Visto que a razão trata do universal e o sentido trata do particular, os universais (como o grande e o pequeno) são mais conhecidos pela razão, enquanto os singulares (como o raro e o denso, que são menos comuns) são mais conhecidos pelo sentido.

Então, como resumo final, ele conclui com aquilo que tinha em mente primordialmente, a saber, que os princípios são contrários.

Revision #1
Created 27 September 2026 17:32:03 by Admin
Updated 27 September 2026 17:32:28 by Admin